

INFORMAMOS QUE ESTA É UMA PRIMEIRA VERSÃO DO TEXTO APROVADO PARA PUBLICAÇÃO. ESTE ARTIGO AINDA PASSARÁ PELA FASE DE REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO.

ID: 3325

DOI: <https://doi.org/10.30962/ecomps.3325>

Recebido em: 11/01/2026

Aceito em: 07/05/2026

Do épico ao trágico: enquadramentos e memória midiática nas capas do Brasil na Copa 2022

André Melo Mendes

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Resumo: O artigo analisa como jornais impressos e portais jornalísticos brasileiros enquadraram a campanha da seleção masculina de futebol na Copa do Mundo 2022, articulando futebol, identidade nacional e memória midiática. O corpus reúne 55 capas (30 impressas; 25 digitais) publicadas após os cinco jogos. Por meio de uma abordagem qualitativa semiótico-discursiva, foram mapeadas as crenças/valores e registros narrativos veiculados. Os resultados indicaram a predominância do registro épico nas vitórias e do trágico na eliminação, com diferenças entre meios: impressos tenderam a moralizar e a distribuir culpa/glória; enquanto portais intensificaram a lógica do espetáculo e a serialização da campanha.

Palavras-chave: Futebol. Enquadramento. Capas de Jornal.

From the Epic to the Tragic: Framing and Media Memory on Brazil's World Cup 2022 Front Pages

Abstract: This article examines how Brazilian print newspapers and online news portals framed the men's national team's campaign at the 2022 World Cup, articulating football, national identity, and media memory. The corpus comprises 55 front pages (30 print; 25 digital) published immediately after Brazil's five matches. Using a qualitative semiotic-discursive approach, the study maps the beliefs/values and narrative registers conveyed. The findings indicate the predominance of an epic register in victories and a tragic register in elimination, with differences across media: print outlets tended to moralize and assign blame/glory, whereas portals intensified the logic of spectacle and the serialisation of the campaign.

Keywords: Football. Framing. Newspaper Front Pages.

De lo épico a lo trágico: encuadres y memoria mediática en las portadas de Brasil en el Mundial 2022

Resumen: Este artículo analiza cómo los periódicos impresos y los portales periodísticos brasileños encuadraron la campaña de la selección masculina de fútbol en el Mundial 2022, articulando fútbol, identidad nacional y memoria mediática. El corpus reúne 55 portadas (30

impresas; 25 digitales) publicadas inmediatamente después de los cinco partidos de Brasil. Mediante un enfoque cualitativo semiótico-discursivo, se mapearon las creencias/valores y los registros narrativos difundidos. Los resultados indicaron el predominio del registro épico en las victorias y del trágico en la eliminación, con diferencias entre medios: los impresos tendieron a moralizar y a distribuir culpa/gloria, mientras que los portales intensificaron la lógica del espectáculo y la serialización de la campaña.

Palabras clave: Fútbol. Encuadre. Portadas de periódico.

Introdução

Embora os estudos de Comunicação sobre esporte tenham se ampliado nas últimas décadas, o futebol permanece, no caso brasileiro, um objeto de análise estratégico para compreender processos de produção de sentido sobre a nação. No Brasil, ele não se limita a um domínio de entretenimento: opera como dispositivo sociocultural por meio do qual se atualizam imagens do país, se projetam valores e se negociam atribuições coletivas de mérito, culpa, glória e fracasso (Souto, 2007; Helal, 2011; Lovisoló, 2011; César; Marques, 2019). Nesse quadro, o futebol constitui um terreno privilegiado para observar como discursos jornalísticos estabilizam afetos coletivos (euforia, ansiedade, cobrança, luto) e os convertem em interpretações relativamente duráveis sobre “quem somos” e “como deveríamos ser”.

Apesar dessa centralidade simbólica, permanece relativamente subexplorada uma dimensão específica de pesquisa sobre esse tema: como diferentes suportes jornalísticos, submetidos a temporalidades e rotinas produtivas distintas, organizam a trajetória da seleção em uma Copa do Mundo em uma narrativa inteligível e moralmente avaliável. Em particular, nos interessa compreender como as capas de jornais – entendidas aqui como unidades verbovisuais de alta hierarquização editorial – condensam o acontecimento e o tornam legível por meio de gramáticas narrativas recorrentes. Esse ponto é decisivo porque a “capa” não apenas informa: ela seleciona o que deve ser lembrado, hierarquiza causas e protagonistas e oferece ao público uma síntese que tende a circular como versão socialmente estabilizada do acontecimento.

Ainda que o artigo tenha desenho comparativo, não partimos da premissa de equivalência entre jornal impresso e jornal digital. Comparamos, antes, modos de inteligibilidade pública produzidos por regimes midiáticos estruturalmente distintos, com lógicas próprias de produção, temporalização, hierarquização editorial, circulação e consumo. Assim, a assimetria é tomada como dado analítico: a diferença entre fechamento/estabilidade

(impresso) e serialização/reescrita (digital) é justamente o que torna a comparação produtiva. Metodologicamente, a unidade verbovisual funciona como operador de comparação, isto é, um nível comum de descrição que permite observar variações de enquadramento sem supor identidade entre suportes. No impresso, o acontecimento é fixado por um gesto de fechamento que produz uma versão canônica e datada; no digital, ele se constrói por versões sucessivas que reordenam títulos, imagens e destaques conforme novas informações e dinâmicas de circulação. É esse contraste – fixação versus modulação contínua – que confere valor heurístico à comparação.

Partindo desse diagnóstico, este artigo investiga a seguinte questão: de que modo capas de jornais impressos e capas digitais (homepages) de portais jornalísticos nacionais narraram a participação da seleção brasileira masculina na Copa do Mundo FIFA 2022 (Catar), e quais crenças e valores foram mobilizados na alternância de registros narrativos ao longo da competição? De forma complementar, perguntamos: que diferenças sistemáticas podem emergir quando se comparam suportes marcados pela urgência do tempo real (digital) e pela síntese retrospectiva associada ao fechamento editorial (impresso)? O objetivo é identificar e comparar crenças e valores acionados pelas narrativas das capas selecionadas, bem como descrever registros narrativos predominantes e suas transições ao longo dos cinco jogos disputados pelo Brasil na competição.

O recorte empírico toma a Copa de 2022 como um evento particularmente elucidativo para observar a dinâmica de promessa e reversão que estrutura a experiência pública do torneio. Às vésperas do campeonato, a cobertura esportiva e o imaginário torcedor foram atravessados por um horizonte de expectativa favorável, alimentado pelo bom desempenho prévio e pela incorporação de jovens talentosos atacantes à equipe, como Vinícius Jr., Rodrygo e Raphinha. Após a estreia vitoriosa e a consagração de protagonistas em lances de alta visibilidade, consolidou-se uma atmosfera de confiança que, mesmo tensionada por obstáculos – como a contusão de Neymar e um revés pontual na fase de grupos –, foi reconfigurada de modo abrupto pela eliminação nas quartas de final. Nesse percurso, a narrativa pública da seleção foi constantemente reescrita: do entusiasmo ao luto, da promessa ao trauma, da excepcionalidade à frustração, movimento que tornou especialmente visíveis as operações de enquadramento e moralização do acontecimento esportivo.

O corpus é composto por 55 capas relativas aos cinco jogos do Brasil no torneio: 25 capas digitais (cinco portais × cinco jogos) e 30 capas impressas (seis jornais × cinco jogos). No ambiente digital, foram analisadas as capas (homepages) de EBC, UOL, Terra, Lance e CartaCapital, coletadas até 30 minutos após o apito final de cada partida, capturando o momento em que o jogo entra em sua “segunda vida” midiática e tende a ser sintetizado em fórmulas de alta circulação. Nos impressos, foram analisadas as capas de Diário do Amazonas (Norte), Folha de Pernambuco (Nordeste), Correio Braziliense (Centro-Oeste), O Estado de S. Paulo (Sudeste), Folha de S. Paulo (Sudeste) e Folha de Londrina (Sul), coletadas no dia seguinte aos jogos, respeitando o fechamento editorial e a produção de síntese retrospectiva típica do jornal impresso. Essa comparação permitiu observar, de modo controlado, como a diferença de temporalidade produtiva modulou a organização narrativa do acontecimento: no digital, tendeu a prevalecer uma serialização da campanha e a ênfase em saliências de circulação (lance decisivo, arbitragem/VAR, herói, “próximo adversário”, progressão fase a fase); no impresso, tendeu a ganhar densidade a estabilização interpretativa, frequentemente articulada por balanço retrospectivo, moralização e inserção do episódio em ciclos de longa duração

Do ponto de vista teórico, o artigo articulou as noções de Acontecimento (Quéré, 1995, 2005, 2012) e Enquadramento (Goffman, 2012), compreendendo a cobertura como um processo de passagem do jogo vivido ao jogo narrado e estabilizado na esfera pública por operações de seleção, hierarquização e atribuição causal. A essas ferramentas somam-se as categorias de crenças e valores, mobilizadas para distinguir proposições inferíveis sobre o mundo (crenças) de condensações axiológicas que orientam a avaliação (valores). Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa semiótico-discursiva que trata texto e imagem como signos capazes de condensar narrativas e afetos (Barthes, 1990; Nöth, 1995; Santaella, 2002; Sekula, 2013).

O artigo organiza-se em seis partes. Na primeira, apresentamos o problema e o contexto. Em seguida, expomos o referencial teórico que orientou a análise. Na terceira parte, detalhamos a metodologia e o corpus. Na quarta, apresentamos os resultados. Na quinta, discutimos os achados à luz do referencial teórico. Por fim, sintetizamos as conclusões sobre as imagens do Brasil produzidas pela cobertura e seus desdobramentos para pesquisas futuras.

Referencial teórico

Acontecimento, “segunda vida” e enquadramento jornalístico

Este artigo se inscreve em uma perspectiva do acontecimento jornalístico segundo a qual a experiência social, quando se torna objeto de circulação pública, é submetida a operações de seleção, hierarquização e inteligibilização que a convertem em narrativa. Nesse horizonte, a contribuição de Quéré sobre o acontecimento é particularmente produtiva porque permite deslocar a análise do “fato em si” para o processo de objetivação pública do fato. Para Quéré (1995, 2005, 2012), um acontecimento não é apenas algo que ocorre, mas algo que rompe expectativas, afeta sujeitos e ganha relevância quando passa a ser reconhecido e interpretado como tal no espaço social. Quando envolve uma coletividade – como ocorre em Copas do Mundo –, ele adquire estatuto de acontecimento público e é esse tipo de acontecimento que interessa aos estudos de jornalismo.

Um ponto central nessa abordagem é a ideia de “vida dupla” do acontecimento: uma primeira dimensão experiencial e imediata, seguida por uma “segunda vida”, na qual o acontecimento é transformado em discurso, interpretado e individualizado enquanto objeto de conhecimento e avaliação (Quéré, 2005). É nessa segunda vida que o jornalismo atua de modo decisivo: ao descrever um jogo, o veículo não apenas relata, mas configura uma versão pública do acontecimento, convertendo-o em “acontecimento-objeto”, isto é, em unidade inteligível passível de explicação, julgamento e memória. Essa perspectiva converge com a compreensão de que a notícia é um recorte construído – não uma transparência do real – e que sua forma final depende de operações narrativas e institucionais (Tuchman, 1978; Gitlin, 1980; Ricoeur, 2007).

Esse processo de estabilização pública pode ser descrito, nos estudos de jornalismo, como enquadramento. Embora o conceito se origine do “frame analysis” de Goffman (2012), sua circulação no campo da Comunicação consolidou-se sobretudo como ferramenta para investigar como discursos midiáticos organizam a experiência social, definindo *o que está acontecendo, por que está acontecendo e como deve ser avaliado*. Nesse sentido, interessa menos a genealogia do termo e mais sua operacionalização analítica: enquadrar é selecionar aspectos do acontecimento e torná-los mais salientes, construindo diagnósticos, atribuições causais e avaliações morais (Entman, 1993; Reese, 2001; Matthes, 2009).

Segundo essa perspectiva, a ação de síntese não se limita a selecionar certos aspectos de um acontecimento e lançar mão de estruturas cognitivas para orientar a produção de seu relato. Ela também consiste em produzir uma interpretação sobre o que está ocorrendo e dar destaque a apenas parte desses fatos, promovendo, conscientemente ou não, uma avaliação moral nesse processo (Carvalho, 2009). Dessa forma, ao realizar o resumo de como o Brasil participou da Copa, os diversos veículos analisados criaram narrativas nas quais apresentaram suas versões desse acontecimento. No caso das capas analisadas, essa operação envolveu, de modo particularmente intenso, a distribuição de protagonismos (heróis e culpados), a estabilização de causalidades (virtude/vício, competência/erro, mérito/injustiça) e a modelagem de afetos coletivos (euforia, ansiedade, luto).

Capas, hierarquização editorial e memória midiática

As capas de jornais impressos e de portais eletrônicos constituem objetos estratégicos porque condensam, em espaço reduzido, decisões centrais de hierarquização editorial: o que será visto primeiro, com que ênfase, com que causalidade sugerida e com que tonalidade afetiva. Nesse sentido, elas funcionam como síntese privilegiada do enquadramento, operando simultaneamente como vitrine informativa e como dispositivo narrativo de seleção do acontecimento (Vaz; Trindade, 2011; Gruszynski; Amaral, 2011). Ao privilegiar um título, uma imagem e, por vezes, um subtítulo/legenda, a capa produz uma versão “concentrada” do acontecimento-objeto, frequentemente mais memorável e circulável do que textos longos.

Essa função sintética insere as capas no campo de mídia e memória, entendido como investigação dos modos pelos quais a mídia não apenas relata o presente, mas também organiza passados coletivos e disponibiliza repertórios para reinterpretações futuras (Neiger; Meyers; Zandberg, 2011; Barbosa, 2016; Musse; Henriques, 2023). A memória midiática não depende apenas de arquivos extensos; ela se constitui também em artefatos breves e altamente reconhecíveis – imagens, manchetes, fórmulas verbais e visuais, – que podem ser reativados como “atalhos” interpretativos. Nessa perspectiva, a capa funciona como operador de memória: seleciona o que será lembrado e define o que será silenciado, estabilizando relações de causalidade e de valoração que se tornarão “versões” disponíveis do acontecimento (Zelizer, 1998; Hoskins, 2011).

Para fins analíticos, distinguimos três camadas articuladas no funcionamento memorial das capas: (i) memória imediata, produzida no calor do apito final e estabilizada em fórmulas de circulação rápida; (ii) memória midiática, como conjunto de procedimentos semiótico-discursivos pelos quais a cobertura produz sentido e memória (selecionar, hierarquizar, reiterar, ancorar e historicizar), reiterando e reativando repertórios de sentido ao longo de ciclos de cobertura; e (iii) memória histórica, de maior duração e institucionalização, associada a regimes de arquivo e à escrita posterior do acontecimento (Ricoeur, 2007). Em termos de distribuição, as capas digitais tendem a privilegiar a memória imediata, dada a temporalidade curta de atualização; já as capas impressas favorecem a passagem mais visível da memória imediata à midiática por meio do fechamento retrospectivo, que produz síntese e balanço.

A opção por cotejar capas impressas e homepages digitais justifica-se, assim, menos por uma diferença de “suporte” e mais por contrastes entre regimes de produção, circulação e temporalização. A capa impressa e a capa digital são duas lógicas complementares do jornalismo (fixação vs modulação contínua). A capa impressa opera sob lógica de fechamento e forte hierarquização sincrônica, fixando uma síntese relativamente estável do acontecimento. A capa digital, por sua vez, organiza-se pela atualização contínua, urgência e competição por atenção, privilegiando recortes compatíveis com o tempo real. Para nomear esses recortes, adotamos a expressão “saliências de circulação”: elementos com elevado potencial de recorte, repetição e compartilhamento (golaço, controvérsia VAR, figuração do herói, “reta final”, “próximo adversário”), decisivos no digital por viabilizarem sínteses rápidas, de alto impacto afetivo e grande capacidade de reencaixe.

Essa escolha adensa o tensionamento entre dois regimes midiáticos complementares: memória como arquivo durável, mais associada ao impresso – que estabiliza uma versão passível de arquivamento –, e memória como repertório reativável ou “atalho interpretativo”, mais associada ao digital – que opera por reiterações, reencaixes velozes e reconfiguração contínua do que ganha centralidade. Teoricamente, não se trata de “mudança de canal”: o digital constitui um ambiente narrativo específico (serialização, reescrita, indexação algorítmica e acoplamentos particulares entre texto, imagem, tempo e memória), enquanto o impresso se ancora em estabilidade, fechamento e hierarquização editorial. É nesse contraste entre regimes midiáticos, e não em equivalência de suportes, que se funda o estatuto comparativo do estudo.

Ao tomar capas como corpus, buscamos descrever um mecanismo de estabilização do acontecimento público: a produção de memória imediata que, simultaneamente, reativa arquivos ampliados de sentido. No caso brasileiro, tais arquivos se articularam à construção histórica da ideia de que “o Brasil é o país do futebol” – não como dado natural, mas como resultado de processos simbólicos nos quais a mídia é central (Helal; Soares; Lovisolo, 2001). No plano analítico, essas camadas foram mobilizadas em três posições: (a) como resultado/efeito da cobertura (síntese propensa à sedimentação); (b) como recurso dos enquadramentos (arquivos e repertórios acionados para tornar o presente inteligível); e (c) como processo em disputa, ainda aberto e reordenável por novos episódios. O foco desse texto recai sobretudo sobre (a) e (b), sem pressupor o encerramento de (c) no horizonte imediato da Copa.

Multimodalidade, ancoragem e unidade verbovisual

Tomar capas jornalísticas como sínteses de sentido implica enfrentar o seguinte problema analítico: os efeitos de significação não derivam de um componente isolado (imagem ou texto), mas da articulação material e semiótica entre fotografia, enunciados verbais, tipografia, diagramação, hierarquias de layout e, quando pertinente, recursos de plataforma. Este estudo, portanto, tem como objetivo descrever e interpretar como esse arranjo verbovisual estabiliza certas leituras, orientando a atribuição de relevância, causalidade e valência aos acontecimentos noticiados. Nessa chave, a fotografia não é tratada como “registro” transparente, mas como texto visual situado em códigos culturais e atravessado por decisões de produção e edição (Duchemin, 2017), cujos sentidos se reconfiguram por recortes editoriais, reenquadramentos, legendagem e recontextualizações.

Como enfatiza Sekula, a significação fotográfica depende de sua inscrição em sistemas mais amplos de codificação social e cultural, o que torna metodologicamente imprescindível considerar os dispositivos gráficos que a fazem circular (Sekula, 2013). Nesse processo, o verbal pode operar como instância de ancoragem, restringindo a dispersão interpretativa e orientando a leitura do visível (Barthes, 1990). Atentos a esses aspectos, a unidade analítica adotada neste artigo é a unidade de sentido verbovisual (manchete + imagem principal, com subtítulo/legenda quando presentes). Essa opção também se beneficia de contribuições da semiótica social e da análise multimodal, que tratam a produção de sentido como resultado de escolhas semióticas distribuídas por diferentes modos e suportes (Kress; Van Leeuwen, 2006).

Assim, o enquadramento não se expressa apenas no que é dito, mas também no que é mostrado e no modo como isso é hierarquizado no espaço da página.

Registros narrativos, serialidade e regimes de avaliação

A análise do corpus evidenciou a recorrência de modos de narrar a trajetória da seleção que denominamos registros narrativos. Esses registros não são categorias rígidas nem “gêneros” estanques; são matrizes culturalmente disponíveis de organização do sentido que articulam temporalidade, causalidade, valoração e afeto. Essa concepção é compatível com abordagens que compreendem a narrativa como forma de configurar a experiência, atribuir coerência ao heterogêneo e produzir inteligibilidade pública (Ricoeur, 2007; White, 1987).

Propomos quatro registros principais:

1. Épico: privilegia façanhas, excepcionalidade, consagração e promessa de grandeza. Tende a mobilizar valores como glória, genialidade, superioridade e vocação, e a organizar a causalidade como proeza (o “extraordinário” como explicação do sucesso).
2. Trágico: estrutura a derrota como reversão dolorosa, sonho interrompido e sofrimento coletivamente partilhado; frequentemente articula o episódio a um repertório de frustrações e traumas esportivos, convertendo o presente em repetição interpretável.
3. Moralizante: organiza o acontecimento por categorias normativas (certo/errado; prudência/imprudência; disciplina/falta de controle), distribuindo responsabilidade e culpa em uma espécie de tribunal simbólico.
4. Dramático-seriado: organiza a Copa como sucessão de episódios, com ganchos e progressão fase a fase; enfatiza percurso, administração do risco e efeitos de cada jogo para o “roteiro” do torneio. Essa matriz se aproxima de discussões sobre serialidade e narrativas episódicas na cultura midiática, nas quais a inteligibilidade depende de continuidade, cliffhangers e reencaixes do presente em um arco (Mittell, 2015; Jenkins, 2006).

Essa abordagem permite compreender como as capas tornam o percurso da nossa seleção inteligível: elas não apenas descrevem jogos, mas fornecem esquemas interpretativos para pensar o Brasil no futebol – esquemas que se conectam a mitos e representações nacionais

mobilizados recorrentemente pela mídia (Helal; Gordon, 2002). Importa enfatizar que não se trata de atribuir ao país uma essência, mas de analisar como certos repertórios discursivos são acionados para explicar vitórias e fracassos e produzir avaliações públicas.

Futebol-arte como tradição inventada e disputa discursiva

Um operador decisivo para compreender a gramática do épico na cobertura brasileira é o imaginário do futebol-arte, frequentemente associado à criatividade, à plasticidade e ao espetáculo. Em vez de tratá-lo como essência do “estilo nacional”, abordamo-lo como repertório discursivo e memorial que organiza expectativas e julgamentos: não basta vencer; espera-se, muitas vezes, vencer de modo compatível com um ideal estético e identitário (Souto, 2007; César; Marques, 2019).

César e Marques (2019) destacam a coexistência de um discurso fundacional – historicamente articulado a interpretações como as de Freyre (1938) – que celebra a singularidade plástica do futebol brasileiro, e de um discurso crítico, mais recente, que desnaturaliza a categoria e evidencia seus mecanismos de seleção e rememoração. Essa leitura dialoga com a noção de tradição inventada (Hobsbawm, 1984), segundo a qual práticas e crenças podem ser inculcadas como rituais e símbolos que produzem continuidade com o passado, estabilizando padrões de pertença. No caso do futebol, o “futebol-arte” funciona como um arquivo disponível: uma matriz que orienta o que deve ser lembrado, valorizado e cobrado da seleção em contextos de Copa.

Essa matriz é particularmente relevante para o objeto do artigo por duas razões. Primeiro, porque ela fornece uma gramática para o registro épico: lances plásticos e vitórias convincentes tendem a ser narrados como confirmação de vocação e grandeza. Segundo, porque ela tensiona interpretações na derrota: o mesmo repertório pode operar como norma traída (“não foi o Brasil”) ou ser deslocado por registros moralizantes (responsabilidade, controle, prudência) e trágicos (frustração reiterada). Assim, o futebol-arte é tratado aqui como operador de memória midiática e como dispositivo de valoração: ele reordena expectativas estéticas, morais e identitárias e incide diretamente sobre os enquadramentos de capa.

Metodologia

Corpus e critérios de seleção

O corpus é composto por 55 capas que narram a participação da seleção brasileira masculina na Copa do Mundo FIFA 2022 (Catar), tomando como referência as chamadas principais relativas aos cinco jogos disputados pela equipe no torneio. A delimitação foi concebida para sustentar comparação sistemática entre suportes (impresso e digital), considerando diferenças de temporalidade produtiva, hierarquização editorial e condições de circulação.

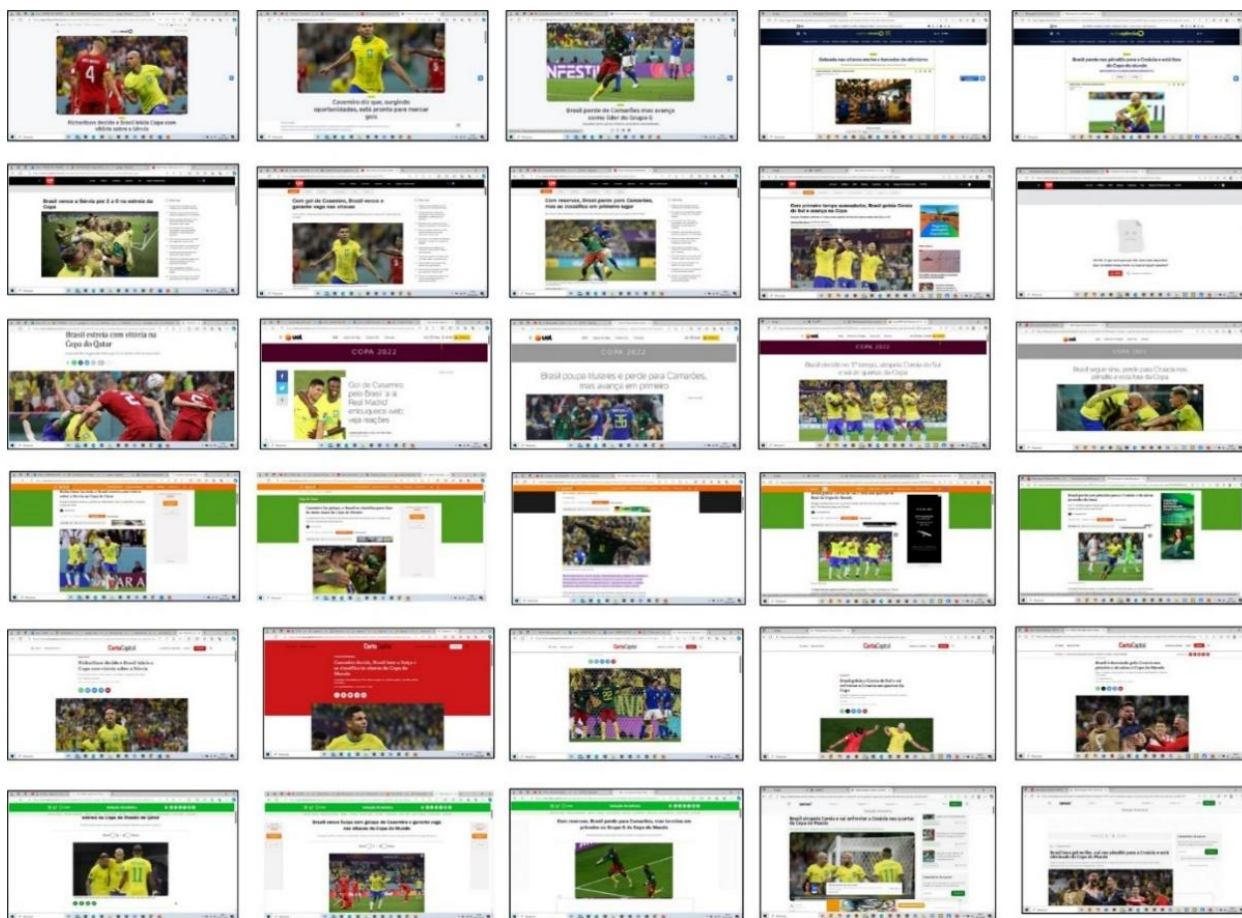
O corpus distribui-se da seguinte forma:

- 25 capas digitais (5 portais × 5 jogos);
- 30 capas impressas (6 jornais × 5 jogos).

a) Portais (jornalismo digital) – 5 títulos

Foram selecionados cinco veículos com relevância editorial e ampla circulação no ambiente digital – EBC, UOL, Terra, Lance e CartaCapital – com o objetivo de contemplar diversidade de perfis (generalistas e esportivos) e estabilidade de atualização durante grandes eventos.

Figura 1: Capas dos Jornais Digitais



Fonte: Elaborado pelo autor.

Regra de coleta e janela temporal

Para cada jogo, foi coletada a homepage (capa digital) que apresentava (i) a manchete principal sobre o Brasil e (ii) a imagem a ela associada. As capturas de tela foram realizadas até 30 minutos após o apito final, intervalo em que a partida tende a entrar em sua “segunda vida” midiática, com maior propensão à síntese em fórmulas de alta circulação e à intensificação de saliências narrativas.

Rastreabilidade e controle de atualização. Para cada captura, foram registrados:

- data e horário da coleta;
- evidência de captura (print);
- identificação do veículo e do jogo.

b) Jornais impressos – 6 títulos

Nos impressos, foram selecionados seis jornais com o propósito de contemplar as cinco macrorregiões brasileiras, incluindo dois títulos do Sudeste – região com maior densidade histórica de veículos com circulação nacional – a fim de ampliar a comparabilidade e a robustez da leitura regionalizada. Os títulos analisados foram:

- Diário do Amazonas (Norte);
- Folha de Pernambuco (Nordeste);
- Correio Braziliense (Centro-Oeste);
- O Estado de S. Paulo (Sudeste);
- Folha de S. Paulo (Sudeste);
- Folha de Londrina (Sul).

Figura 2: Capas dos Jornais Impressos



Fonte: Elaborado pelo autor.

Regra de coleta

Para cada um dos cinco jogos, foram coletadas as capas impressas publicadas no dia seguinte à partida, respeitando o fechamento editorial e a lógica de síntese retrospectiva característica do impresso. As capas foram obtidas em repositórios públicos de primeiras páginas (agregadores), preservando-se o arquivo tal como disponibilizado na fonte.

Unidade de análise e preparação do material

Para analisar como cada regime midiático organizou hierarquias, temporalidades e efeitos de memória, definimos como operador de comparação a unidade verbovisual associada à chamada principal sobre o Brasil em cada capa, tomada como unidade de análise.

Em termos operacionais, cada unidade foi delimitada como um conjunto composto por:

- fotografia (imagem principal associada ao acontecimento);
- título/manchete principal e, quando existente, subtítulo;
- legenda, quando presente.

As unidades foram organizadas em uma matriz comparativa por tipo de meio (impresso/digital) e por jogo (J1 a J5), de modo a permitir comparação controlada entre:

- temporalidades de produção (urgência do digital versus fechamento do impresso);
- regimes de hierarquização editorial (centralidade do acontecimento, personalização, moralização e projeções de continuidade).

Operadores analíticos e categorias de leitura (registros, crenças e valores)

Para assegurar coerência entre o desenho metodológico e os resultados apresentados (tabelas-síntese por jogo e por meio), a análise foi estruturada em três níveis articulados:

1. Registro narrativo predominante: categoria interpretativa que descreve o modo de narrativização dominante do acontecimento na capa. Foram considerados, entre outros, registros como épico, trágico, moralizante e dramático-seriado.
2. Crenças subjacentes: inferências interpretativas controladas sobre pressupostos ativados pela unidade verbovisual (por exemplo: “o herói decide o jogo”; “a campanha é uma série de episódios rumo à classificação”; “a derrota se inscreve como sina”; “há erro evitável que exige correção”).

3. Valores condensados: identificação dos valores hierarquizados pela unidade (por exemplo: glória, disciplina, vergonha, destino, sofrimento, merecimento, eficiência, união), definidos a partir do acoplamento entre avaliação verbal e encenação visual do acontecimento.

Procedimentos analíticos: codificação descritiva e codificação interpretativa

O procedimento analítico foi conduzido em *dois ciclos complementares*, de modo a garantir rastreabilidade do percurso que conduz da descrição do material às sínteses comparativas.

a) Codificação descritiva (registro sistemático do conteúdo)

No primeiro ciclo, realizou-se codificação descritiva voltada ao mapeamento de elementos observáveis e comparáveis entre unidades, incluindo:

- identificação do jogo (J1–J5), veículo e meio (impresso/digital);
- transcrição da manchete/subtítulo/legenda (quando presente);

Esse ciclo produziu uma matriz descritiva que permitiu reconstituir, em linguagem controlada, o conteúdo mínimo de cada unidade.

b) Codificação interpretativa (registro narrativo, crenças e valores)

No segundo ciclo, procedeu-se à codificação interpretativa orientada pelos *operadores analíticos* explicitados acima. Para cada unidade, registrou-se:

- *registro narrativo predominante*;
- *crenças subjacentes* inferíveis do arranjo verbovisual;
- *valores condensados* e hierarquizados.

Para reduzir a arbitrariedade interpretativa e reforçar a coerência interna da análise, as leituras foram ancoradas em marcadores semiótico-discursivos recorrentes – verbais, visuais e verbo-visuais – e consolidadas em um protocolo multimodal de decisão (critério de predominância, regras de inferência e lista controlada de valores). Em lugar de atribuir registros

por impressão global, operacionalizamos a identificação a partir da configuração da unidade verbovisual (manchete + imagem principal) e de seus acoplamentos intersemióticos (ancoragem, redundância, complementação e tensões entre modos), descrevendo como cada capa organiza a inteligibilidade pública do jogo.

Para controlar a coocorrência de registros, padronizar a codificação e tornar comparáveis as leituras entre partidas e entre regimes impresso/digital, adotamos o conceito de matriz dominante. Essa matriz corresponde ao registro que organiza o eixo causal do acontecimento e a tonalidade afetivo-axiológica da unidade principal – isto é, aquele que orienta “por que” o jogo foi narrado como foi e “como” deve ser avaliado. Essa necessidade surgiu porque, no corpus, percebemos que uma mesma unidade poderia mobilizar traços simultâneos de mais de um registro (por exemplo, épico com tonalidade dramático-seriada, ou moralizante com inflexão trágica) e, sem um critério de predominância, a classificação tenderia a oscilar, comprometendo a consistência e a comparabilidade analítica.

Como indicadores de matriz dominante, consideramos três conjuntos de marcas: (i) linguístico-discursivas (léxico avaliativo, fórmulas e modalização, como “hexa”, “missão”, “adeus”, “culpa”); (ii) visuais (regimes de figuração, composição, centralidade do herói versus ênfase na falha, gestualidade e expressividade); e (iii) temporalização/sequencialidade (teleologia de consagração, serialização por “capítulos”, tribunal normativo, reversão traumática). Quando traços de outro registro aparecem apenas como modulações laterais (subtítulos, notas de contexto, elementos de baixa saliência), eles são tratados como tonalidade secundária – camadas que acompanham a matriz sem reconfigurá-la –, preservando a distinção entre predominância e marcas subsidiárias na arquitetura multimodal da capa.

Consolidação comparativa e produção das sínteses (tabelas e material suplementar)

Concluídos os dois ciclos, os registros foram agregados em três eixos de comparação, em conformidade com os resultados apresentados no artigo:

1. *Agregação por jogo (J1–J5)*: síntese das unidades digitais e, separadamente, das unidades impressas, registrando para cada jogo: (i) registro narrativo predominante, (ii) crenças subjacentes e (iii) valores condensados.
2. *Agregação por meio (impresso/digital)*: identificação de tendências de estabilização do sentido, observando recorrências como:

- nos impressos, maior propensão à *moralização*, à estabilização retrospectiva e à articulação com repertórios identitários;
- nos portais, maior incidência de *espetacularização e serialização* da campanha (progressão fase a fase), com ênfase em saliências de alta replicabilidade.

3. *Recorrência de campos semânticos*: mapeamento de clusters de valores/crenças (por exemplo: glória/legado; disciplina/culpa; destino/sina; gestão/risco; espetáculo/viralização), utilizados para organizar a discussão interpretativa.

Por razões de espaço, o conjunto completo das 55 unidades (capas e respectivas descrições/codificações) e a matriz de análise foram organizados como material suplementar, assegurando transparência e reprodutibilidade do percurso analítico.

Resultados

Por razões de espaço, o conjunto completo das 55 unidades de sentido (capas e respectivas descrições/codificações) e a matriz de análise estão disponibilizados como material suplementar. No corpo do artigo, apresenta-se a Tabela 1 com a síntese comparativa por jogo das capas dos meios digitais e a Tabela 2, e por meio (impresso/digital), a partir do qual se desenvolve a interpretação dos resultados.

Tabela 1: Síntese das unidades por jogo nos jornais eletrônicos

Unidade (capa/bloco)	Registro narrativo predominante	Crenças subjacentes (texto + imagem)	Valores condensados
Jogo 1 Sérvia	Épico-espetacular (herói midiático)	O voleio/golaço vira evento; centralidade do herói (celebridade esportiva) como motor narrativo.	Espetáculo, euforia, excepcionalidade, idolatria midiática.
Jogo 2 Suíça	Dramático-seriado (episódio de classificação) com heroísmo individual	“A noite de Casemiro”: indivíduo decisivo garante a progressão de fase; foco na eficácia/pragmatismo competitivo.	Eficácia, protagonismo, segurança, classificação como valor em si.
Jogo 3 Camarões	Dramático-seriado (gestão de campanha)	Tropeço é racionalizado: “controlado” em nome de estratégia, gestão do elenco e objetivo maior (seguir no torneio).	Planejamento, controle do percurso, pragmatismo, foco no objetivo.
Jogo 4 Coreia	Épico-espetacular + seriação	Goleada como show/festa e como passo narrativo de	Euforia, união, celebração, confiança

	(“vai às quartas”)	avanço de fase (“roteiro” da campanha).	no projeto, progressão.
Jogo 5 Croácia	Trágico + dramático-seriado (destino/sina)	Derrota inscrita como sina/destino frustrado, “sonho interrompido”; centralidade do drama nacional e do sofrimento compartilhado, com menos caça a culpados.	Luto simbólico, sofrimento coletivo, destino, comoção, memória traumática recorrente.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 2: Síntese das unidades por jogo nos jornais impressos.

Unidade (capa/bloco)	Registro narrativo predominante	Crenças subjacentes (texto + imagem)	Valores condensados
Jogo 1 Sérvia	Épico (com inflexão identitária)	O brilho individual (golaço/“pintura”) é prova da “essência” nacional do futebol brasileiro (criatividade, resiliência, futebol-arte).	Orgulho, alegria, glória, mérito, identidade nacional (futebol-arte).
Jogo 2 Suíça	Épico com ênfase coletiva	O time aparece como forte, unido e resiliente; o herói não apaga o coletivo (“espírito brasileiro” compartilhado).	Coesão, resiliência, força do grupo, confiança.
Jogo 3 Camarões	Moralizante (tensão/advertência)	A derrota expõe vulnerabilidades e tensiona a crença na superioridade; tende a reintroduzir “o que deve ser corrigido” antes do mata-mata.	Responsabilidade, alerta, resiliência sob ameaça, orgulho em risco.
Jogo 4 Coreia	Épico (futebol-arte “recuperado”)	Brasil como forte, alegre, irreverente e superior; vitória reafirma o “verdadeiro futebol brasileiro” após o tropeço.	Alegria, orgulho, confiança, esperança de título, identidade nacional.
Jogo 5 Croácia	Moralizante (tribunal simbólico) com tonalidade trágica	Eliminação explicada por culpa/erro evitável, falta de disciplina/autocontrole; responsabilização (sobretudo do comando técnico) preservando ídolos.	Responsabilidade moral, disciplina, merecimento, honra; frustração como sanção.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Discussão dos resultados

A passagem do jogo enquanto experiência vivida ao jogo enquanto acontecimento-objeto – estabilizado em narrativas públicas (Quéré, 1995, 2005, 2012) – é operada, no *corpus*,

por unidades verbovisuais que condensam cada partida em sínteses de alta reconhecibilidade. Nelas, o placar dos jogos atua menos como dado terminal do que como gatilho para operações de seleção e hierarquização: certos eventos são produzidos como marcos memoráveis da campanha (por exemplo, um “golaço”, a performance de um protagonista, a queda decisiva), por meio do acoplamento entre imagem, manchete e enunciados associados. Assim, as capas não apenas relatam; elas produzem versões públicas dotadas de foco, causalidade e valência afetiva, estabilizando o acontecimento em forma narrativa.

Para tornar esse mecanismo passível de controle e operacionalização, distinguimos três camadas articuladas no funcionamento memorial das capas: (i) memória imediata, produzida no calor do apito final e estabilizada em fórmulas de circulação rápida (títulos-síntese, imagens canônicas, “ganchos” de continuidade); (ii) memória midiática, como conjunto de operadores que selecionam, reiteram e reativam repertórios de sentido ao longo de ciclos de cobertura; e (iii) memória histórica, de maior duração e institucionalização, associada a regimes de arquivo e à escrita posterior do acontecimento (Ricoeur, 2007). Essa distinção evidenciou que as coberturas midiáticas analisadas nesse artigo articularam temporalidades heterogêneas: sínteses de curtíssimo ciclo, reativações interpretativas recorrentes e, em alguns momentos, projeções que inseriram o episódio em séries longas.

A distribuição dessas camadas variou conforme o regime midiático. Nas homepages digitais, tendeu a prevalecer a memória imediata, dada a atualização contínua e a competição por atenção. Nesse contexto, foram decisivas as saliências de circulação – recortes com alto potencial de repetição e compartilhamento (lances decisivos, VAR, figuração do herói, “reta final”, “próximo adversário”) – que viabilizaram sínteses rápidas, de forte impacto afetivo e grande capacidade de reencaixe em fluxos sucessivos do noticiário digital sem perder inteligibilidade. Já no impresso, o fechamento retrospectivo favoreceu a passagem mais nítida da memória imediata à memória midiática: a síntese editorial intensificou o efeito de balanço e estabilizou a compreensão do jogo. O impresso operou sob a lógica do fechamento, estabilidade e forte hierarquização sincrônica; o digital constituiu em um ambiente narrativo específico, marcado por serialização, reescrita e acoplamentos particulares entre texto, imagem, tempo e memória. Justamente essa assimetria nos permitiu observar variações na produção de inteligibilidade pública e na estabilização memorial do acontecimento.

Após as análises identificamos a recorrência e reconfiguração de quatro registros – épico, dramático-seriado, moralizante e trágico – que, articulados em sequência, estruturaram um arco interpretativo ao longo do torneio: consagração inicial (épico), progressão por capítulos (dramático-seriado), cobrança normativa (moralizante) e fechamento em queda (trágico). O ponto central não é apenas a presença desses registros, mas seu papel na modulação das camadas memoriais: o épico alimentou imagens canônicas e fórmulas celebratórias (memória imediata); o dramático-seriado sustentou ganchos e continuidade (memória imediata em fluxo); o moralizante acionou repertórios normativos de atribuição e julgamento (memória midiática); e o trágico reinscreveu a derrota em séries de perda e luto, abrindo caminho para a historicização (memória histórica).

Por termos notado que mais de um registro poderia coexistir numa mesma unidade verbovisual, nossa análise privilegiou as transições como mudanças de matriz dominante. A passagem do épico ao dramático-seriado se tornou visível quando a vitória deixou de ser narrada como prova de excepcionalidade (“proeza”, “vocação”) e passou a operar como passo funcional do roteiro (“garante vaga”, “capítulo seguinte”), deslocando a ênfase do feito para o percurso e para a gestão do risco – processo particularmente intensificado no digital pela lógica de reencaixe contínuo. O registro moralizante, por sua vez, ganhou saliência em momentos de dificuldade e reorganizou a causalidade sob gramática normativa (responsabilidade, disciplina, prudência), reativando um arquivo interpretativo estabilizado (a mídia interpretar partidas como teste moral) e tornando o presente inteligível como repetição de padrões; com isso, preparou a emergência do trágico ao converter contingências em sanção e perda.

A transição do registro moralizante ao trágico se configurou quando a ênfase em correção e culpa cedeu lugar a uma leitura de reversão das expectativas e luto, na qual o acontecimento foi narrado como trauma compartilhado e reinscrito em séries reativadas de frustração (“jejum”, “fim de ciclo”, “era sem Copa”). Nesse deslocamento, a eliminação deixou de ser apenas resultado e passou a operar como marcador de longa duração, aproximando-se da memória histórica. É nesse ponto que se tornou inteligível a noção de “sina” tal como emergiu do corpus. A “sina” não opera como destino metafísico, mas como dispositivo discursivo de historicização da frustração: mecanismo que transforma o acontecimento em repetição e, por isso, em identidade. Ela se estruturou por três operações: (1) consagração épica (“hexa”, “missão”), que instalou o horizonte teleológico; (2) reversão trágica, que converteu o instante

decisivo (pênaltis, gol no fim) em signo de fatalidade; e (3) inscrição em séries longas (“jejum”, “fim de ciclo”, “era”), que deslocou a derrota para uma temporalidade histórica. Percebemos assim uma contradição central na cobertura midiática: a seleção foi figurada como potência vocacionada ao excepcional – por fórmulas de consagração e imagens de grandeza –, mas também reinscrita, por marcas de reversão e valências afetivas de perda, na experiência recorrente de não converter essa promessa em realização no instante decisivo.

Por fim, a comparação relacional entre os dois regimes midiáticos indicou que a arquitetura de sentido foi parcialmente compartilhada, mas ativada com ênfases distintas. No digital, a serialização operou de modo mais imediato e funcional, organizada por âncoras de alta visibilidade (saliências de circulação) e por alternância entre *pathos* trágico e atribuições causais rápidas. No impresso, os acontecimentos foram mais frequentemente integrados a ciclos de maior duração (“era”, “jejum”, “recomeço”), intensificando a estabilização memorial e favorecendo uma fixação retrospectiva da campanha em uma forma mais “durável”. Em ambos os casos, a “sina” emergiu como efeito da articulação entre registros narrativos e camadas memoriais, oferecendo ao público um modelo de autoconsciência nacional no qual a seleção funcionou como metonímia do país e o torneio como dispositivo de atualização de crenças, valores e afetos – entre os quais se destacou a ideia de que “o Brasil é o país do futebol” como construção simbólica historicamente mediada (Helal; Soares; Lovisolo, 2001).

Conclusão

Este estudo demonstrou que capas de jornais impressos e homepages de portais jornalísticos, na Copa do Mundo FIFA 2022 (Catar), operaram como dispositivos de produção de sentido que excederam a função informativa. Mais do que registrar resultados, essas materialidades organizaram a experiência pública do torneio a partir de uma arquitetura narrativa recorrente, articulando registros (épico, dramático-seriado, moralizante e trágico) que estabilizaram interpretações sobre a seleção e, por extensão, sobre a nação. Nesse enquadramento, a seleção brasileira emergiu como metonímia do Brasil, e os jogos atualizam crenças e valores associados ao “futebol brasileiro” (criatividade, plasticidade, alegria, excepcionalidade), ao mesmo tempo em que reativaram disputas simbólicas sobre disciplina, mérito, responsabilidade e gestão do risco. Ao adotar a unidade verbovisual (manchete + imagem principal, com subtítulo/legenda quando presentes) como unidade analítica, o artigo

evidenciou como tais avaliações se estabilizaram por acoplamentos intersemióticos que orientaram causalidade, protagonismos e valências afetivas.

Nas vitórias, a prevalência do registro épico acionou a imagem de um Brasil do extraordinário, convertendo desempenho em evidência de vocação e grandeza. O “hexa” funcionou como horizonte teleológico que adensou a campanha por um vocabulário de destino. Esse épico, contudo, foi tensionado pelo dramático-seriado, que reconfigurou a Copa como sucessão de episódios e “ganchos”, deslocando a ênfase do feito para o percurso e para a administração de contingências até o fim do caminho. Nessa dinâmica, a cobertura digital tende a intensificar a memória imediata por “saliências de circulação” (lances, VAR, herói, reta final, próximo adversário), favorecendo sínteses de alto impacto afetivo e grande capacidade de reencaixe.

Com a eliminação da seleção brasileira, dominou a inflexão trágica e tornou-se inteligível a categoria de “sina” tal como construída midiaticamente. A “sina” operou como dispositivo discursivo de historicização da frustração, resultante da convergência entre promessa épica, reversão trágica e integração do episódio a ciclos de longa duração relacionadas ao fracasso da seleção brasileira (jejum, fim de era, recomeço). Assim, o fracasso foi transmutado em repetição e identidade, expressando a tensão entre grandeza esperada e vulnerabilidade percebida. À luz da distinção entre memória imediata, midiática e histórica, a “sina” marcou a passagem da síntese de curtíssimo ciclo para a reinscrição em séries longas, aproximando-se de uma temporalidade de arquivo e de escrita posterior do acontecimento.

A comparação entre os dois suportes indicou que, embora a arquitetura entre eles seja compartilhada, ela é modulada por regimes distintos de temporalidade e causalidade. No digital, predominou serialização mais imediata, orientada por alta visibilidade e circulação de eventos, combinando intensificação afetiva e atribuições causais rápidas. No impresso, observou-se maior densidade de longa duração: os jogos não foram narrados apenas como episódios isolados do presente, mas encaixados numa história maior, ampliando o épico por ritualização da memória e produzindo o trágico como trauma. Em termos analíticos, o digital tendeu a organizar a Copa como série em tempo real, enquanto o impresso a fixar como narrativa histórica, com impactos na distribuição de responsabilidade, causalidade e sentido nacional.

Uma contribuição central do artigo consiste em evidenciar que a cobertura de Copa, examinada pela lente dos registros narrativos, esclarece como a mídia esportiva participou da

construção de imagens do Brasil. A “sina” emergiu como efeito de uma gramática de temporalidade, causalidade e afetos coletivos, e não como conteúdo residual. Ao enfatizar a materialidade das capas e sua função de síntese, o estudo reforça o papel dessas peças como operadores de memória midiática, selecionando o que deve ser lembrado e estabilizando versões concorrentes do percurso.

Como desdobramentos, sugere-se replicar a abordagem em outras Copas para testar permanências e deslocamentos na sequência de registros e na produção discursiva da “sina”; incorporar a seleção feminina; e ampliar o corpus para redes sociais e produtos audiovisuais, mapeando como a circulação multiplataforma intensifica a serialização, redistribui a moralização e reordena mecanismos de historicização. Em especial, pesquisas futuras podem explorar o papel de indexação e curadoria algorítmica na re-hierarquização das “saliências de circulação” e na passagem entre memória imediata e memória midiática em contextos de alta volatilidade noticiosa.

Referências

- BARBOSA, Marialva. Meios de comunicação: lugar de memória ou na história? **Contracampo**, Niterói, v. 35, n. 1, p. 11-26, 2016.
- BARTHES, Roland. A retórica da imagem. In: BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**: ensaios críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 27-43.
- CARVALHO, Carlos Alberto de. Sobre limites e possibilidades do conceito de enquadramento jornalístico. **Contemporânea**: Revista de Comunicação e Cultura, Salvador, v. 7, n. 2, p. 1-18, dez. 2009.
- CÉSAR, Nathaly Barbieri Marcondes; MARQUES, José Carlos. O futebol-arte brasileiro: uma tradição continuamente reinventada e contestada. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 178-199, 2019. DOI: 10.17851/2526-4494.3.2.178-199.
- DUCHEMIN, David. **A foto em foco**: uma jornada na visão fotográfica. Tradução de Edite Siegert. 2. ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.
- ENTMAN, Robert M. Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, [S.l.], v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.
- FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 jun. 1938.

- GITLIN, Todd. **The whole world is watching**: mass media in the making and unmaking of the New Left. Berkeley: University of California Press, 1980.
- GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GRUSZYNSKI, Ana; AMARAL, Bruna. O design das capas do jornal Zero Hora de 1990 a 2010. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 7, n. 1, p. 148-170, 2011.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HELAL, Ronaldo. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. *In*: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo (Org.). **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 149-162.
- HELAL, Ronaldo. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 11-37, 2011.
- HELAL, Ronaldo; GORDON, Cesar. A crise do futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI. **Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 37-55, 2002. DOI: 10.29146/eco-pos.v5i1.1155.
- HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo R.; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves (Org.). **Futebol, jornalismo e ciências sociais**: interações. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.
- HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo (Org.). **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HOSKINS, Andrew. Media, memory, metaphor: remembering and the connective turn. **Parallax**, [S.l.], v. 17, n. 4, p. 19-31, 2011.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2006.
- KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images**: the grammar of visual design. 2. ed. London; New York: Routledge, 2006.
- LOVISOLO, Hugo R. Sociologia do esporte (futebol): conversações argumentativas. *In*: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo R.; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves (Org.). **Futebol, jornalismo e ciências sociais**: interações. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011. p. 11-32.
- MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SIMÕES, Paula Guimarães. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 27, n. 79, p. 187-201, 2012.

- MITTELL, Jason. **Complex TV: the poetics of contemporary television storytelling**. New York: New York University Press, 2015.
- MUSSE, Christina Ferraz; HENRIQUES, Márcio Souza de. História e memória da mídia na pesquisa contemporânea. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 78, p. 1-5, 2023.
- NEIGER, Menahem; MEYERS, Oren; ZANDBERG, Eyal (Ed.). **On media memory: collective memory in a new media age**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011.
- NÖTH, Winfried. **Panorama da semiótica: de Platão a Peirce**. São Paulo: Annablume, 1995.
- QUÉRÉ, Louis. L'espace public comme forme et comme événement. In: JOSEPH, Isaac (Org.). **Prendre place: espace public et culture dramatique**. Paris: Recherches, 1995. p. 95-110.
- QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**, Lisboa, n. 6, p. 59-75, 2005.
- QUÉRÉ, Louis. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: FRANÇA, Vera; OLIVEIRA, Luciana (Org.). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 21-38.
- REESE, Stephen D. Prologue: Framing public life: A bridging model for media research. In: REESE, Stephen D.; GANDY JR., Oscar H.; GRANT, August E. (Ed.). **Framing public life: perspectives on media and our understanding of the social world**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2001. p. 7-31.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alan François *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- SEKULA, Allan. Sobre a invenção do significado da fotografia. In: TRACHTENBERG, Alan (Org.). **Ensaio sobre fotografia: de Niépce a Krauss**. Lisboa: Orfeu Negro, 2013. p. 387-410.
- SOUTO, Sérgio Montero. Colunistas em campo pela tradição: as memórias da seleção brasileira na Copa de 2002. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves (Org.). **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 297-317.
- TAVARES PAES LOPES, Felipe. O futebol em revistas brasileiras de Comunicação de 1980 a 2023. **E-Compós**, [S.l.], v. 28, 2025. DOI: 10.30962/ecompos.3029.
- TODOROV, Tzvetan. **Os abusos da memória**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

TUCHMAN, Gaye. **Making news:** a study in the construction of reality. New York: The Free Press, 1978.

VAZ, Paulo Bernardo Ferreira; TRINDADE, Vanessa Costa. A apreensão do acontecimento nas capas de newsmagazines. **Animus:** Revista Interamericana de Comunicação Midiática, Santa Maria, v. 10, n. 20, p. 3-19, 2011. DOI: 10.5902/217549774217.

WHITE, Hayden. **The content of the form:** narrative discourse and historical representation. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1987.

ZELIZER, Barbie. **Remembering to forget:** Holocaust memory through the camera's eye. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

Dados de Autoria

André Melo Mendes

E-mail: andremelomendes@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0525-8978>

Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Minibiografia: Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais (Poslit-UFMG). Professor Associado do Departamento de Comunicação Social da UFMG. Pesquisador dos grupos de pesquisa Intermídias e Gris, da UFMG.

Dados do artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese:

Não se aplica.

Fontes de financiamento:

Não se aplica.

Apresentação anterior:

Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais:

Não se aplica.

Dados sobre Cuidados Éticos e Integridade Científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?

Não.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?

Não se aplica.

Liste os financiadores da pesquisa:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?

Não se aplica.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?

Não se aplica.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?

Não se aplica.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?

Não se aplica.

Que interferências foram detectadas?

Não se aplica.

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo

Não se aplica.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?

Não.

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:

Não se aplica.